

HISTÓRIA QUE NOS CONTAM AS LISTAS DE IMIGRANTES

por Tereza Böbel*

O trabalho que desenvolvemos no Arquivo Histórico de Joinville, traduzindo as listas de imigrantes, tem dois objetivos: resgatar as preciosas informações sobre cada imigrante contidas nestas listas, tornando-as mais acessíveis aos pesquisadores em geral e desta maneira contribuindo para uma maior compreensão da história da cidade, e atender as pessoas que nos procuram a fim de saber dados sobre seus antepassados. Em geral, tais pesquisas visam a elaboração de genealogias, ou conseguir a cidadania alemã, benefício que a República Federal da Alemanha estende aos descendentes de seus emigrantes até a 3ª geração. A procura neste sentido tem sido grande.

Constam de nosso acervo as listas de todos os navios de emigrantes que aportaram em São Francisco do Sul, pequena cidade portuária vizinha a Joinville, no período de 1851 a 1902, meio século portanto. Há dois tipos de listas: a do navio, feita em Hamburgo pelo agente de emigração, e a correspondente no registro de entrada de imigrantes, feito pelo Diretor da Colônia Dona Francisca, como se chamava Joinville na época. Nosso trabalho consiste em comparar os dados contidos em ambas (já que nem todos constam de ambas as listas) e traduzi-los, fazendo uma ficha de cada imigrante. Estes dados serão complementados com registros de batizado, matrimônio e sepultamento das igrejas evangélica e católica, para serem, em seguida, armazenados no microcomputador. As listas são manuscritas em alemão, sendo que o sobrenome em letra latina e o pré-nome, religião, procedência, profissão e outras informações acrescentadas pelo capitão do navio sobre ocorrências durante a viagem, em letra gótica.

* Técnica do Arquivo Histórico de Joinville

Traduzimos até agora 25 anos de imigração, até 1876. Queremos destacar aqui alguns dados que nos chamaram a atenção:

Quanto às profissões: os imigrantes eram, via de regra, lavradores, mas havia as profissões urbanas como alfaiates, tecelões, oleiros, marceneiros, além de médicos, oficiais, advogados, professores.

Às vezes, fugitivos políticos emigravam como agricultores, já que o governo brasileiro dava preferência à mão-de-obra rural, e só na colônia revelavam sua verdadeira profissão. É interessante notar que só a partir de 1865 ou 1870 apareceram os primeiros técnicos-mecânicos, maquinistas, operários. Entre as curiosidades podemos destacar um serrador de tábuas, um padeiro de hóstias e um pianista, que veio de Berlim, com a família, em 1873. Registramos, ainda um comerciante de 16 anos. As mulheres tinham seu estado civil registrado na coluna "Profissão"; muito raras eram as que realmente tinham uma, e nestes casos eram sempre parteiras, professoras, ou criadas. Só no final do século apareceriam as primeiras operárias.

Ainda em relação às mulheres: mães solteiras não eram admitidas a bordo. Mesmo assim, já no primeiro navio, o "Colon", que chegou em março de 1851, havia uma mãe solteira que trazia, às escondidas, sua filha ainda de colo, passageira clandestina portanto. O pai da criança também estava a bordo, e segundo se conta, teria prometido ao capitão casar-se com a moça assim que chegassem à Colônia. Provavelmente não cumpriu a promessa, pois no registro consta, ao lado de seu nome, a observação: "Mandado embora em março de 51, foi para Curitiba". Dizem que a moça foi atrás dele. O fato é que no registro de matrimônios da igreja evangélica consta o casamento dos dois em 1852, e já em 1853 o batizado de duas filhas do casal.

No que se refere às idades os imigrantes tinham na maioria até 45 anos, já que era a idade-limite para receber a passagem subvencionada. Mesmo assim, muitas famílias traziam seus avós. Em 1874 chegava a bordo do "Shakespeare" uma imigrante com 83 anos, solteira (!) em companhia da filha, genro e netos, suportando uma penosa viagem de quase 2 meses. No navio "Terpsichore", chegado em 1873, com 569 passageiros (diga-se de passgem, foi o que trouxe o maior

número de imigrantes, em geral esses navios traziam de 100 a 250 pessoas) o que nos chamou a atenção foi a grande diferença de idade entre os casais: de 100 famílias, em 31 as mulheres eram mais velhas que seus maridos, variando esta diferença de 1 a 16 anos.

Uma viagem de navio (na época eram veleiros) levava, em média, 2 meses, de Hamburgo ao porto de São Francisco do Sul. Muitas crianças nasciam a bordo, mas quantas pessoas morriam! Os imigrantes viajavam sempre na entrecoberta, em condições nem sempre boas: pouca comida, água estragada e superlotação contribuíam para o aparecimento de doenças como sarampo, cólera-morbo, difteria e diarréias. Às vezes, os emigrantes já traziam o vírus e o exame médico, antes do embarque, era mera formalidade, como acusam em carta-protesto publicada no Kolonie-Zeitung, os passageiros do "Victória", que chegou em 1867, com 259 pessoas, das quais 51 morreram a bordo, ocorrendo em certos dias até 4 mortes. Famílias inteiras eram dizimadas em poucos dias. Interessante é que estas pessoas, mortas a bordo e jogadas ao mar constam da numeração do registro de entrada de imigrantes.

Outro fato que nos chamou a atenção foi o grande número de homens solteiros procedentes dos países escandinavos. Eram sempre lavradores, com idades que variavam de 23 a 40 anos.

Voltando às profissões, não raro aquela que o imigrante tinha deu origem a pequenas indústrias de fundo de quintal, as microempresas da época, e seus filhos e netos, dando continuidade ao trabalho do pai ou avô, as transformaram em grandes empresas existentes até hoje em nosso parque fabril: é o caso da Cia. Wetzel Industrial, que fabricava sabão e velas, hoje dedicando-se à produção de velas artísticas, e cujo fundador foi Friedrich Wetzel, saboeiro, imigrado em 1856. Logo que se instalou na colônia, deu início à fabricação de velas e sabão, em casa, à noite; de dia saía vendendo seu produto. O tecelão Carl Doehler, vindo de Glauchau, na Saxônia, em 1881, trouxe já na bagagem alguma quantidade de fio, pois preten^{dia} instalar aqui uma oficina de tecelagem. Ainda naquele ano, 1881, fundou a Fábrica de Tecidos Doehler, funcionando com um único e rústico tear, construído por ele mesmo. A Doehler é hoje uma das mui

tas indústrias joinvilenses. O tipógrafo Boehm, imigrado em 1858 para trabalhar como tal na impressão do Kolonie-Zeitung, em poucos anos era proprietário do jornal e durante mais de um século seus descendentes atuaram no ramo da gráfica, livraria e papelaria.

Finalizando, queremos acrescentar que este trabalho, tal como está, já foi objeto de pesquisas para teses de alguns doutorandos, do Brasil como do exterior, e está à disposição dos interessados. No nosso entender, oferece campo para a abordagem sob vários aspectos, seja profissões, idades, as condições da mulher imigrante, a procedência, etc...

DEBATES

Terminada a exposição, acima transcrita, foram efetuadas as seguintes indagações:

Consuelo Pondé de Sena, Arquivo Público da Bahia;

- "Existe documentação, no Arquivo de Joinville, da época Nazista?"

Hélio Teixeira da Rosa, Pesquisador;

- "Consta nas relações de imigrantes, rol dos pertences pessoais, principalmente instrumentos musicais que os acompanharam nas suas viagens?"

Walter F. Piazza, Pesquisador;

- "Em primeiro lugar, quero felicitar pelo trabalho de acoplamento de dados de várias fontes, complementando a "Ficha biográfica" do imigrante!"

- "Da listagem dos passageiros dos vários navios, relacionados no Boletim do Arquivo Histórico de Joinville, quantos já foram analisados e acoplados?"

Encerradas as perguntas a palestrante deu as explicações necessárias a cada um dos interlocutores.